

# Inês Lobo

## Prática e discussão

*"A arquitectura consiste numa prática interdisciplinar cuja discussão e participação de variadas áreas disciplinares no processo criativo, melhor se desenvolve e responde quanto mais cedo existir e mais aberta for."*

*Inês Lobo estabeleceu o seu atelier no ano de 2002, depois da colaboração no atelier do arquitecto João Luís Carrilho da Graça entre 1990 e 1996, e de ter formado atelier com o arquitecto Pedro Domingos entre 1996 e 2001. Licenciada pela FAUTL em 1989. Lecciona a disciplina de Projecto desde essa data. Actualmente é professora convidada no curso de arquitectura na Universidade Autónoma de Lisboa.*

*Desde a sua formação o atelier tem desenvolvido projectos em diferentes áreas de trabalho, da construção de equipamentos e habitação à requalificação de edifícios e espaços públicos.*

*O trabalho desenvolvido no atelier tem como base uma contínua reflexão conjunta de técnicos e autores das mais diversas áreas, que garantem em todas as fases de cada projecto, uma visão ampla, plural e concertada de todas as questões relacionadas com a construção daquele território.*





#### ■ Quais são as suas referências arquitectónicas?

II. É difícil falar sobre referências directas e elaborar uma lista, mas penso que são construídas pelo caminho que vamos traçando ao longo do tempo. O período da escola foi importante, mas o período de trabalho que se segue após a faculdade foi o que constituiu, com maior evidência, a base do meu trabalho. Especialmente os oito anos de trabalho para o arquitecto Carrilho da Graça.

Há também o contexto de trabalhar em Portugal, que tem as suas referências incontornáveis de arquitectura portuguesa, como o arquitecto Siza Vieira, mas as referências que se vão somando com a experiência e que acabam por ser as mais directas parecem-me de maior influência. Hoje em dia, para pessoas da minha geração, também penso que se pode falar de uma visibilidade maior da arquitectura que se produz pelo mundo. Há um maior número de referências que oferece outra possibilidade de reflectir sobre a arquitectura.

É difícil elaborar especificamente referências, mas penso que as referências directas são as evidentes, os anos de trabalho com o arquitecto Carrilho da Graça que marcaram imenso o meu trabalho depois desse tempo, acrescido à prática que é exercida em Portugal.

#### ■ E enquanto estudante de arquitectura?

II. Quando entrei para a universidade as influências eram poucas. É evidente que já conhecia uma série de coisas, embora não se soubesse muito sobre arquitectura por sermos relativamente jovens, mas como entrei na escola do Porto, o arquitecto Siza Vieira e a sua obra foram sem dúvida a primeira experiência mais emocionante. Fui visitar uma série de obras

que na altura, na escola, nos eram indicadas e que foram sem dúvida marcantes, como penso que será para qualquer pessoa que comece a fazer arquitectura. Descobrir que essas obras eram realmente muito importantes. A partir desse ponto tudo o que absorvemos da faculdade e das pessoas com quem lá nos cruzamos marca referência.

#### ■ Sente no seu trabalho o cruzamento de influências culturais marcantes, para além da arquitectura?

II. É evidente que sim. Não faço reflexões profundas sobre as minhas relações directas com outras produções artísticas, mas é óbvia essa influência.

Não vivemos fechados no universo da arquitectura, pois frequentemente as questões mais marcantes e mais fortes nem são as produzidas pela arquitectura. A arquitectura apresenta uma série de constrangimentos que muitas vezes outras artes não têm, e conseguem por isso produzir coisas que nos explicam a maneira mais clara de fazer.

Voltando um pouco atrás, quando me questionou sobre a faculdade, tinha mais referências noutras áreas disciplinares do que propriamente na arquitectura. Foi talvez a primeira vez que percebi a extrema importância que essas outras áreas de conhecimento iriam ter sobre o trabalho que iria fazer ali. Foi talvez das descobertas mais importantes que o curso de arquitectura me deu logo no início, perceber que o conhecimento acumulado que tinha até então, era fundamental para tudo o que viria futuramente a fazer. Foi a constatação de uma realidade que no liceu não atingi, por falta de aplicação directa, e que a universidade me esclareceu.

Dou aulas na faculdade há já alguns anos e penso que os alunos são bastante incentivados para o olhar, a transformação em geral que é possível assistir na arquitectura. Insiste-se imenso nesse ponto e sublinha-se acima de tudo a importância de ver. Ver aquilo que acontece e que se desenvolve a todos os níveis. São bastante estimulados nesse sentido.

➤ **O que é o sentido do lugar?**

II. A arquitectura não existe sem lugar, embora a arquitectura sem lugar também possa existir, mas partimos sempre da construção num sítio, num tempo, num contexto, que é o ponto de partida fundamental para transformarmos o lugar. Falo pela forma como penso que intervimos, como pretendemos construir. Estamos sempre a transformar algo que já existe.

➤ **Para construir tem que se destruir?**

II. É sempre necessário destruir para reconstruir. Foi sempre assim e é uma coisa muito importante de perceber.

Os alunos, por vezes, no decorrer dos trabalhos, dizem-me que vão construir sobre algo sem mexer em nada, mas para fazer um muro tem que se abrir um buraco mais largo que a sua espessura, e mais profundo que a altura que vai ter.

Portanto, essa destruição para depois fazer aparecer uma construção é necessária e é mais natural do que parece.

A arquitectura tem uma certa violência, não é suave. É muito transformadora.

➤ **Enquanto força transformadora, de que forma é conseguido o sentido de apropriação de lugar ou de espaço?**

II. Com o conhecimento desse lugar.

Costumo dizer aos meus alunos que é muito importante o

diagnóstico: que se faz, ou seja a forma como conseguimos perceber, entender e conhecer um determinado lugar. Mas não digo só um lugar. É um lugar, um programa, um tempo em que se está a intervir. É muito importante conseguirmos perceber quais os dados do problema. Para mim é o fundamental. A partir do momento em que conseguimos enunciar o problema, metade do caminho parece estar percorrido para a resposta que se tem que dar. Se não conseguimos enunciar o problema não é possível dar-lhe uma resposta.

Penso que é o grande segredo da arquitectura. É a grande questão quando se entende a arquitectura como uma síntese de um determinado problema, na maioria das vezes muito complexa.

➤ **A fase do equacionar é mais estimulante para si?**

II. Sim, por várias razões. Porque equacionar o problema, é aquilo que nos faz também identificar qual é a matéria com que vamos trabalhar. De projecto para projecto as questões variam, os temas variam e ganhamos uma espécie de aprendizagem permanente. É extremamente estimulante essa fase e essa obrigatoriedade de ter também com o projecto um processo de aprendizagem para poder responder, que é fundamental.

➤ **O que é a matéria?**

II. A arquitectura constrói-se com matérias diversas. Matéria no sentido mais directo da palavra.

Talvez tema seja a palavra mais apropriada. Encontrar o tema que está por detrás daquilo que pretendemos construir.

➤ **Actualmente, existem duas abordagens à matéria, uma pela sua tectónica e outra como pele. Além disto, surgem**

***A arquitectura tem uma certa violência, não é suave. É muito transformadora.***





[Concurso limitado por Prévia Qualificação] Projecto da Nova Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo e Instalações da Direcção Regional da Cultura, 1.º Classificado, 2006  
(Fotos: Inês Lobo Arquitectos)

**novos materiais que aludem a uma matéria, essa alusão não descaracteriza a arquitectura?**

II. Isso é uma discussão complexa em relação à arquitectura, que no sentido mais tectónico da palavra questiona a matéria com o que se constrói, aquela que se vê ou não.

Na arquitectura sempre se fez de conta. Há situações em que se esconde ou subverte a presença da matéria, que são fascinantes, e há outras em que a matéria é assumida, sendo ela própria o grande tema daquilo que se constrói. Interessante é, imaginarmos como grande parte da arquitectura secular chega até nós num estado que não aquela quando a construíram ou a viveram. É hoje fascinamo-nos com a ruína, com a sua aparência descarnada, sem nada, com o sentido da

— No contexto nacional em que a encomenda é limitada, o lugar à experiência não acontece. É por este motivo que participa frequentemente em concursos?

II. É uma realidade que a encomenda é limitada e por isso, em Portugal, não se constrói assim tanto quanto desejado, apesar de não sermos dos piores países da Europa, ou mesmo do mundo. De qualquer maneira, a razão de participar em concursos é por ser uma forma de conseguir trabalho como outra qualquer. Foi uma opção que tomei desde início do atelier, que participar em concursos seria uma forma de angariar trabalho. É trabalho geralmente bastante interessante pelo carácter público que o caracteriza e tem um contexto diferente da encomenda privada. Tem também algo extremamente aliciente, essa entidade

## ***Na arquitectura sempre se fez de conta.***

matéria que a constrói. Mas por outro lado, se imaginar que outrora tinha sido trabalhada, cheio de pinturas lindíssimas que desapareceram com o tempo, também podia ser fascinante. É realmente um tema muito delicado da arquitectura mas não nego a responsabilidade de sermos honestos e construir com o que se constrói, o que se vê no fim. Não se pode esconder a forma de construir ou o contrário.

— Mas isso será uma necessidade de contar uma história?

II. Não. Apenas não é assim tão fácil. Tanto um como outro são caminhos muito radicais que obrigam a um esforço enorme mas penso que ficar pelo meio também não constitui qualquer problema. Penso que a verdade absoluta não tem muito interesse. Há soluções e situações muito diversas, tanto uma como a outra podem ser extremamente fascinantes.

fascinante que é o programa, o sítio que nos é traçado e que me permite, com uma certa liberdade, dar uma resposta. Resposta que depois de ser avaliada e aceite, ou não, determina o resto do trabalho que já é feito porque alguém gosta, aceita e está entusiasmado com o que apresentámos, que muitas vezes é um processo útil para o desenvolvimento do trabalho.

Mas também não há assim tantos concursos, até porque há provavelmente tão poucos como encomenda privada, embora já tenha havido uma altura em que se fizeram bastante mais que agora.

— Os concursos internacionais, por sua vez, assentam em realidades culturais dispares da nossa. Em que medida é que esses elementos são diferenciadores para a sua actividade enquanto arquitecta?





*A reflexão permanente sobre o que a vida é, onde se encaixa ou como é albergada, é o tema.*

IL São com certeza. Quando me referia ao conhecimento do problema, se o contexto muda, o problema será também diferente. Agrada-me participar em concursos estrangeiros porque me obrigam a uma aprendizagem sobre um determinado lugar, sobre uma realidade distinta, uma outra história, e estende ainda mais essa necessidade de tornar o processo mais laboratorial e intenso ao adquirir conhecimento. Acho evidentemente diferente de construir em Portugal. Apesar de muitas vezes não conhecermos especificamente a realidade onde vamos intervir, esse processo de conhecimento acontecerá na mesma.

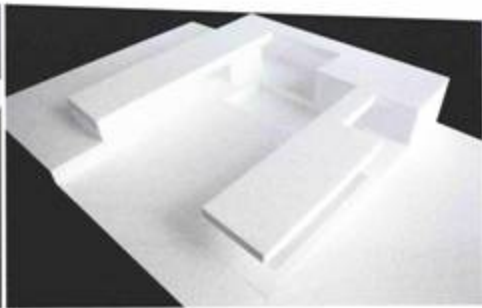
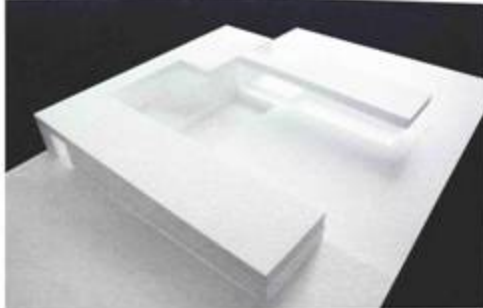
Parece-me interessante trabalhar outras realidades pois se o projecto avança torna-se curioso o conhecimento que posteriormente se adquire sobre os métodos e procedimentos de trabalho, que por vezes são melhores que os nossos.

**+A** Actualmente as definições de cidade clássica e orgânica já não existem. Será que vivemos numa cidade sem referências nem hierarquias?

IL Não vivemos numa cidade sem referências. Vivemos numa cidade cheia de história e referências das quais ganhamos percepção. Vivemos num momento em que houve um cresci-

mento muito grande, embora pouco estruturado em algumas cidades que conhecemos. Muita coisa foi construída, de certa forma, acabando por esvaziar os centros urbanos visto que a população optou por viver nas periferias por variadas razões, sejam questões económicas ou de opção. E agora temos por consequência um trabalho, que é voltar a perceber a identidade





Projecto de 10 moradias no plano da Quinta da Bom Sucesso em Óbidos, em projecto 2005 (Fosca, Inês Lobo Arquitectos)

## ***A arquitectura consiste numa prática interdisciplinar cuja discussão e participação de variadas áreas disciplinares no processo criativo, melhor se desenvolve e responde quanto mais cedo existir e mais aberta for.***

destas grandes cidades e áreas metropolitanas. Não são apenas as cidades propriamente ditas mas também tudo o que as envolve, aquilo que são, o que deve ficar, o que deve desaparecer, o que se deve reconstruir, etc. É um trabalho muito sério e diferente do que tem vindo a acontecer às cidades. Penso que ainda não está claro para todos nós.

Felizmente, apesar dos terríveis acontecimentos e da má construção que tem havido, penso que ainda resta muito das cidades. Não tenho uma visão catastrófica. Acredito que estas cidades são organismos vivos fascinantes e que o continuam a ser. O tempo muda imensa coisa.

**Intervém-se pontualmente na cidade. Os actuais instrumentos do território não têm uma visão global do que é cidade?**

Não são tão transformadores como poderiam ser ou como as cidades precisavam que fosse. Aquilo que as cidades necessitam é de uma visão interdisciplinar, congregada na sociedade com a classe política, pois não é só uma questão de arquitectura. É sobretudo uma questão de política.

Chegará o momento das pessoas compreenderem a estrutura que têm na mão, que para funcionar terá que se pensar e agir de outra forma.

Penso que já se começou a ganhar essa consciência. São questões difíceis de pôr em prática, que não funcionam à velocidade da política, quatro anos de mandato das câmaras é excessivo comparativamente à velocidade das transformações das cidades. Embora pense que essa consciência exista, estamos num processo de mudança, provavelmente mais lento do que gostaríamos.

**Qual a responsabilidade do arquitecto nessa interdisciplinaridade?**

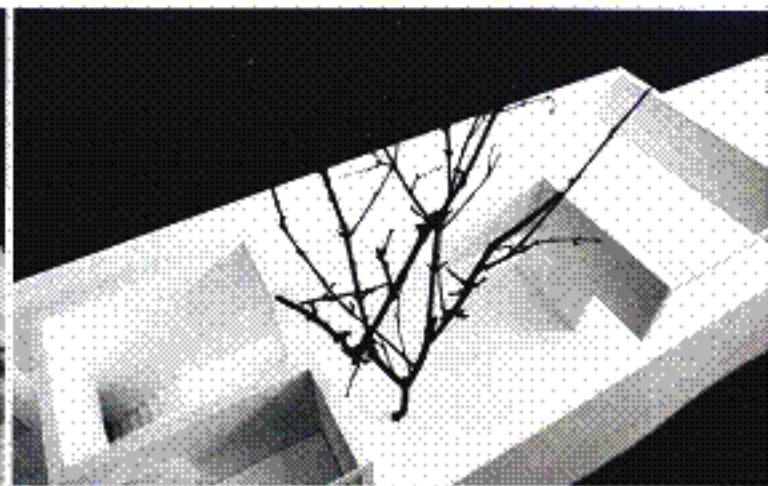
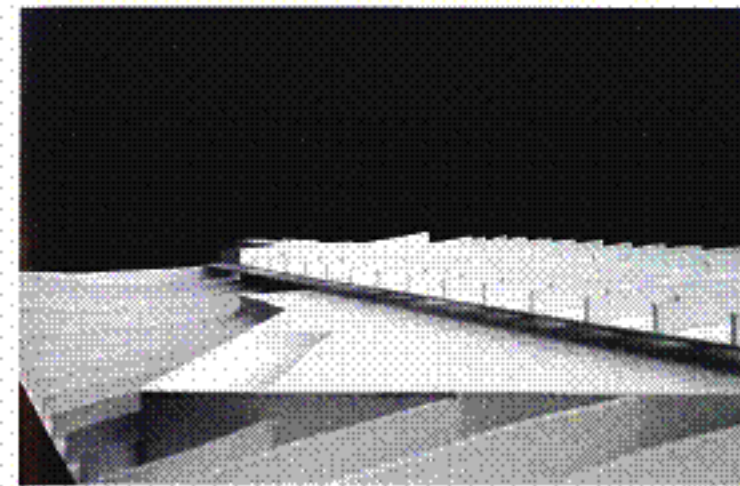
É muito grande, visto que o arquitecto tem-se demitido nos últimos tempos de ser mais interventivo e de se fazer ouvir. O arquitecto tem uma formação que outras áreas disciplinares não possuem, tem um conhecimento que lhe permite operar sobre um espaço, diferente de outras áreas disciplinares, tornando-o extremamente importante naquilo que poderá vir a produzir.

Para ter realmente importância tem que descer um pouco do pedestal de arquitecto autor preocupado com a obra, para começar a reflectir sobre outros problemas que têm uma visibilidade menos directa. Mas não terá que ser só o arquitecto, é uma questão de maior proporção visto que implica muitas profissões, formas de estar, e que a política seja um espaço mais aberto e ouvinte do conhecimento mais técnico. Implica, que a política não se afaste tanto dos técnicos, mas que se aproxime mais e reconheça a importância de existir uma conjugação. Que não existam por cores políticas, mas sim por vontades de fazer. É realmente complicado.

A velocidade da política é uma, e a velocidade a que as coisas têm que ser pensadas e reflectidas é outra. Temos que nos organizar para formar equipas capazes de reflectir sobre todas estas questões. Não será uma tarefa fácil.

**Não tenderá por isso a uma provável categorização profissional, como em Espanha que diferenciam as especificidades dos arquitectos?**

Mas aqui também acaba por haver. Relaciona-se mais com a formação profissional do que com as categorias atribuídas, passa pelo percurso profissional do indivíduo.



Projecto para 18 habitações em banda no plano da Quinta do Bom Sucesso em Óbidos, em projecto, 2006 (Fotografia: João Lobo Arquitectos)

#### **+A Mas existe o estigma do arquitecto autor?**

**IL** Somos todos formados e educados para ser arquitectos autores, é o problema da maioria das universidades.

Também acredito que há uma maior consciência sobre o trabalho que o arquitecto tem de fazer, que é extremamente diversificado. Actualmente, surgem arquitectos a seguirem percursos diferentes e a compreenderem o interesse que todos esses percursos têm, o quanto são fundamentais, e a aceitarem essa realidade com uma certa naturalidade.

Há por isso cada vez mais espaço em diversas áreas para o arquitecto surgir, intervir e ser ouvido. Não me refiro a algo que vai acontecer, mas sim a algo que começou a acontecer e que se vai tornar cada vez mais claro nos próximos anos.

Em Espanha, é mais claro devido aos arquitectos desde sempre possuírem mais poder, o que permite a sua maior variedade de áreas de domínio. É de alguma forma a imagem dos engenheiros em Portugal.

#### **+A A vida está para a arquitectura tanto a montante como a jusante. A sua respectiva articulação e base de pesquisa revela o lugar do arquitecto?**

**IL** É um tema fundamental. A arquitectura tem problemas. Portanto o Homem e a sua respectiva vida humana é evidentemente um tema fulcral e fundamental na arquitectura, é a base. Para um ser existente, a construção de algo tem sempre uma dimensão, uma forma de vida, altera-se. A reflexão permanente sobre o que a vida é, onde se encaixa ou como é albergada, é o tema.

#### **+A Por vezes não é explícito ou evidente, simplesmente acontece. Mas há obras que são inabitáveis?**

**IL** Não é uma questão de funcionar, visto ser um pouco relativo, pois tanto pode não funcionar para um determinado programa e para outro funcionar perfeitamente. Funcionar é uma palavra um pouco perigosa. Tem que ser habitadas de várias formas distintas. Se me questionar sobre quais os edifícios mais

fascinantes, diria que são aqueles que duram séculos. E porque é que os edifícios duram séculos? Porque as formas de vida se vão alterando, os programas que passam pelos edifícios mudam de forma radical. E no entanto conseguem sempre responder ao que, num determinado momento as pessoas exigiram deles. Um dos melhores exemplos que conheço é a ex-Faculdade de Arquitectura no Convento de S. Francisco em Lisboa. Este edifício suporta tudo, porque está concebido para um sítio e para o Homem. É a construção das duas coisas neste lugar, é brilhante.

#### **+A Mas constrói-se com o tempo ou no tempo?**

**IL** Constrói-se sempre no tempo. Constrói-se, também num tempo porque se faz com elementos específicos desse tempo, nomeadamente os sistemas construtivos, invenções do Homem que nos permitem construir de uma forma e não de outra. Penso que a arquitectura deverá ter por objectivo construir com um tempo bastante alargado, pelo fascinante que é quando a arquitectura cruza durante séculos, e o Homem fica permanente fascinado com o que está presente. Consegue apropriar-se sucessivamente dela.

Embora tenha destacado o Convento de S. Francisco, podemos sempre imaginar que não é necessário reflectir sobre esta matéria apenas em grande escala, também podemos fazer o mesmo em relação a uma casa, a uma escala menor. As casas mais fascinantes são as que permitem ser ocupadas de várias formas, flexíveis de serem inventadas novas formas de habitar o espaço por cada indivíduo que por lá passa. Também reconheço que com as casas aconteça cada vez menos, visto que espelham referências e clichés a elementos e justificações que não possuem propriamente uma relação com a arquitectura, mas com uma ideia aleatória e pré-concebida que as pessoas têm das casas.

Quando elas são muito versáteis são sempre fascinantes. E a versatilidade não significa falta de regra ou de clareza, pelo contrário, são extremamente claras e fáceis de apropriar pela forma diversificada como permitem às pessoas a sua apropriação.



Isso levanta questões como a da reabilitação da Baixa, as formas de habitar que se transformam...

As casas da Baixa são um ótimo exemplo. Uma das maiores diferenças existentes entre as casas de hoje e as casas de há um século, encontra-se na forma como os espaços da casa se comunicam entre si e as suas hierarquias. Actualmente, há duas questões bastante desinteressantes na forma como as pessoas visualizam as casas, a hierarquia dos espaços a habitar e se estes revelam um estatuto social qualquer. Isto é, estas casas são construídas com uma hierarquia muito forte entre os diferentes espaços, por exemplo, os quartos só funcionam como quartos porque geralmente têm áreas muito pequenas e contêm a sua casa de banho individual. O espaço de estar, ou seja, as salas comuns são sempre muito maiores do que os quartos, para reflectirem o tal estatuto social, uns sessenta metros quadrados e com a lareira, tudo o que hoje faz vender uma casa. Não são questões directamente ligadas ao conforto nem à qualidade do espaço, mas sim com pormenores que as pessoas parecem desejar e possuir para se sentirem mais seguras com esse estatuto. É, para mim, muito pouco interessante para uma casa. A vida faz-se de relações, e se dividirmos o habitar do arquétipo da casa estamos a negar a partida a qualidade dos espaços. Portanto existe aqui um equívoco muito grande. É necessário reflectir e voltar a ponderar um pouco sobre a questão.

Ao visitar uma casa construída há cem anos atrás, quem lá entra, sai fascinado com a dimensão do espaço, da escala e da fantástica presença da luz. É incrível, porque ao entrar num espaço assim, nem sabemos como nos instalar, mas podíamos sempre fazer daquele espaço uma sala ou um quarto. Elaborando um espaço no imaginário de quem a habita. O problema é que as casas de hoje não propõem este imaginário. A sala só pode ser onde está, assim como ninguém tira os quartos de onde estão. As casas de banho, que são imensas, estão na maioria fechadas. Este atelier é uma excelente casa e oferece um ótimo atelier por causa dessa mesma versatilidade. Possui uma série de espaços

impacáveis, nem grandes, nem pequenos, com uma ótima luz de janelas muito altas. Algo que se deixou de fazer, dado que actualmente as janelas são baixas e compridas em vez de altas e verticais. Nestas, a luz que entra reflecte-se nos tectos que são altos e geralmente trabalhados, são muito bonitos. Os espaços também são extremamente interessantes pois comunicam quase todos entre eles, oferecendo relações visuais, atravessamentos pela casa e tenho assim uma noção de dimensão.

Penso que um dos grandes problemas de hoje, em Lisboa, é haver poucos sítios bons, poucas casas boas para viver, mas também há muito más. As recuperações que muitas vezes fazem são terríveis e quando se encontra uma casa boa tem que se recuperar, embora pontualmente se encontrem bases fantásticas. Bom exemplo disso são as que o arquitecto Siza Vieira projectou para a rua do Alecrim. E se as visitar encontra muitas semelhanças com as casas da Baixa. As casas maiores são de tipologias muito semelhantes.

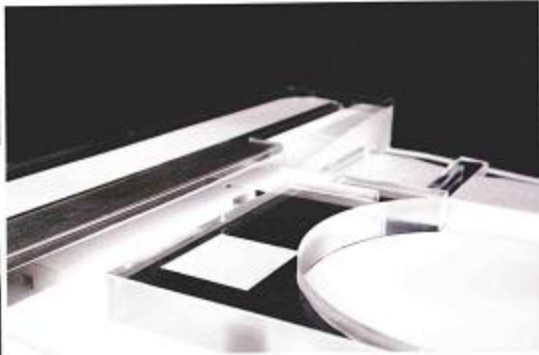
➤ Eram organismos vivos?

Exactamente. É bastante mais interessante. Acredito que as pessoas, pela estabilidade e segurança que oferecem, sentiam menos a necessidade de mudar. As pessoas actualmente mudam com frequência, é também uma espécie de insatisfação quanto às casas.

➤ É um processo solitário, o momento de formular a resposta ao enunciado?

Não acho que a arquitectura seja um processo solitário. Acredito que deva ser um processo muito discutido, muito participado e cada vez acredito mais nisso. Não creio que seja mesmo um processo solitário.

Neste atelier, a arquitectura que se produz não é feita por mim mas pelo conjunto de pessoas que aqui trabalha, mesmo de áreas disciplinares diferentes. Sem a sua presença, tudo o que se faria aqui seria diferente.



Isso levanta questões como a da reabilitação da Baixa, as formas de habitar que se transformam...

As casas da Baixa são um ótimo exemplo. Uma das maiores diferenças existentes entre as casas de hoje e as casas de há um século, encontra-se na forma como os espaços da casa se comunicam entre si e as suas hierarquias. Actualmente, há duas questões bastante desinteressantes na forma como as pessoas visualizam as casas, a hierarquia dos espaços a habitar e se estes revelam um estatuto social qualquer. Isto é, estas casas são construídas com uma hierarquia muito forte entre os diferentes espaços, por exemplo, os quartos só funcionam como quartos porque geralmente têm áreas muito pequenas e contêm a sua casa de banho individual. O espaço de estar, ou seja, as salas comuns são sempre muito maiores do que os quartos, para reflectirem o tal estatuto social, uns sessenta metros quadrados e com a lareira, tudo o que hoje faz vender uma casa. Não são questões directamente ligadas ao conforto nem à qualidade do espaço, mas sim com pormenores que as pessoas parecem desejar e possuir para se sentirem mais seguras com esse estatuto. É, para mim, muito pouco interessante para uma casa. A vida faz-se de relações, e se dividirmos o habitar do arquétipo da casa estamos a negar a partida a qualidade dos espaços. Portanto existe aqui um equívoco muito grande. É necessário reflectir e voltar a ponderar um pouco sobre a questão.

Ao visitar uma casa construída há cem anos atrás, quem lá entra, sai fascinado com a dimensão do espaço, da escala e da fantástica presença da luz. É incrível, porque ao entrar num espaço assim, nem sabemos como nos instalar, mas podíamos sempre fazer daquele espaço uma sala ou um quarto. Elaborando um espaço no imaginário de quem a habita. O problema é que as casas de hoje não propõem este imaginário. A sala só pode ser onde está, assim como ninguém tira os quartos de onde estão. As casas de banho, que são imensas, estão na maioria fechadas. Este atelier é uma excelente casa e oferece um ótimo atelier por causa dessa mesma versatilidade. Possui uma série de espaços

impacáveis, nem grandes, nem pequenos, com uma ótima luz de janelas muito altas. Algo que se deixou de fazer, dado que actualmente as janelas são baixas e compridas em vez de altas e verticais. Nestas, a luz que entra reflecte-se nos tectos que são altos e geralmente trabalhados, são muito bonitos. Os espaços também são extremamente interessantes pois comunicam quase todos entre eles, oferecendo relações visuais, atravessamentos pela casa e tenho assim uma noção de dimensão.

Penso que um dos grandes problemas de hoje, em Lisboa, é haver poucos sítios bons, poucas casas boas para viver, mas também há muito más. As recuperações que muitas vezes fazem são terríveis e quando se encontra uma casa boa tem que se recuperar, embora pontualmente se encontrem bases fantásticas. Bom exemplo disso são as que o arquitecto Siza Vieira projectou para a rua do Alecrim. E se as visitar encontra muitas semelhanças com as casas da Baixa. As casas maiores são de tipologias muito semelhantes.

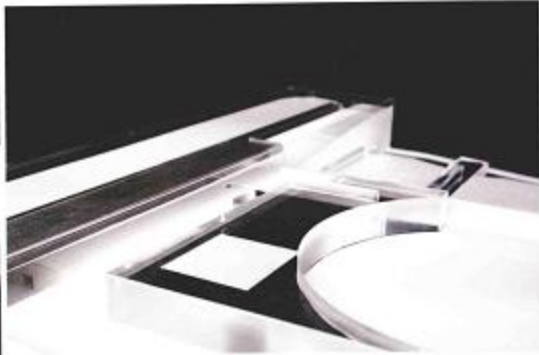
➤ Eram organismos vivos?

Exactamente. É bastante mais interessante. Acredito que as pessoas, pela estabilidade e segurança que oferecem, sentiam menos a necessidade de mudar. As pessoas actualmente mudam com frequência, é também uma espécie de insatisfação quanto às casas.

➤ É um processo solitário, o momento de formular a resposta ao enunciado?

Não acho que a arquitectura seja um processo solitário. Acredito que deva ser um processo muito discutido, muito participado e cada vez acredito mais nisso. Não creio que seja mesmo um processo solitário.

Neste atelier, a arquitectura que se produz não é feita por mim mas pelo conjunto de pessoas que aqui trabalha, mesmo de áreas disciplinares diferentes. Sem a sua presença, tudo o que se faria aqui seria diferente.



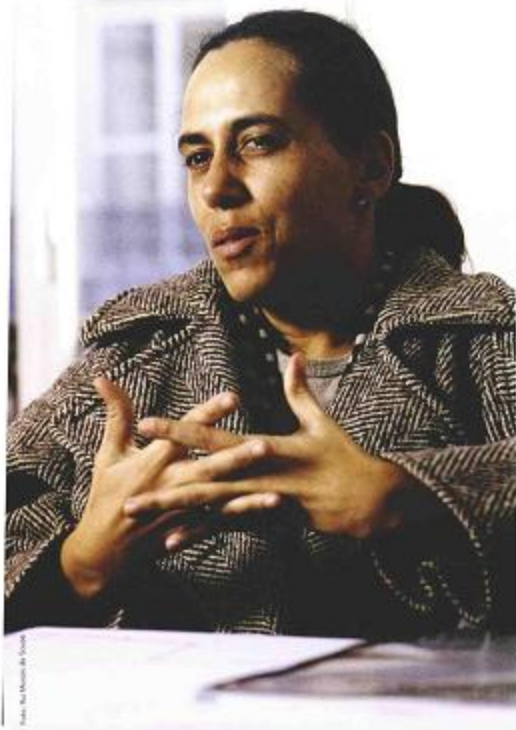


Foto: Rui Mota de Sousa

para a concepção final. Poderá até ser equiparada ao projecto de uma cidade inteira. Por vezes, não é apenas uma questão de escalas, pois poderão ser escalas enormes e mais simples de resolver que outros projectos com escalas menores e extremamente complexos.

É importante que a preparação e percepção seja estimulada nesse sentido, de eles compreenderem que o trabalho de um arquitecto é tão mais estimulante quanto mais abrangente for. Quanto maior forem os problemas e as equipas, mais interessante será participar. É importante haver versatilidade na participação, ter diferentes papéis, onde poderá haver alturas em que o arquitecto é o coordenador, sem dúvida alguma, havendo também momentos em que não. Não é por isso que elimina a elevada importância do papel que está a desempenhar quando não é coordenador, e é importantíssimo que os alunos compreendam isso e todos os que estão envolvidos nesse processo.

#### ➤ O que a persuade a ensinar arquitectura?

IL Sinceramente, actualmente, muito pouco. Embora não pareça dou aulas há dezassete ou dezoito anos, e assim que comecei a dar aulas, sem experiência nenhuma pela pouca idade que tinha, foi extremamente duro. Mas muito fascinante, especialmente por estar em contacto com outras identidades e personalidades. O tentar compreender como se consegue expressar e transmitir a informação, para depois

visualizar o resultado. São momentos mágicos, não há dúvida. E continuam a ser.

#### ➤ Então o que é que mudou?

IL Mudam coisas. Há pouco falava de algo que é um processo laboratorial. Acredito que o atelier é o meu espaço, fundamental. Felizmente neste momento tenho um atelier, tenho trabalho e o que mais desejo é trabalhar da melhor maneira possível. Mas para tal é necessário tempo, disponibilidade, dinheiro e uma série de variantes.

Ainda não consegui, por minha responsabilidade, fazer algo que é provavelmente o que gostaria actualmente de conseguir fazer: pensando em atelier e pensando em aulas, que tudo isto contribuisse para um todo, sobre o qual quero pensar, reflectir e trabalhar. Sucede constantemente, estar em aulas com os alunos a pensar que tenho imenso para fazer, e questiono o que estou aqui a fazer. Isto é verdade, acontece sistematicamente porque sinto que o ensino não é produtivo, e não é pelos alunos, mas pelas condições que nos são dadas actualmente para ensinar e aquilo que nos permitem ter essas condições. Nas universidades deste país existe precariedade de meios.

Podia também questionar a razão de não deixar de dar aulas. Muitas vezes por questões económicas, visto que os ateliers não são fáceis de manter e gerir, e dar aulas é uma segurança como outra qualquer. Embora falsa segurança, pois recebe-se muito pouco. Mas também porque existe o contacto com outras personalidades da área, que é simplesmente fascinante. Há o contacto com os alunos que é continuamente fascinante, que alega à possibilidade de reflectir sobre questões, por vezes, diferentes às que reflectidas no atelier. É por isso uma actividade muito interessante e complementar para um arquitecto que tem o seu atelier.

#### ➤ Acredita que o plano de Bolonha poderá mudar alguma coisa?

IL Muito sinceramente acredito que o plano de Bolonha serve acima de tudo para as universidades ganharem mais dinheiro. É a primeira questão e parece-me desnecessário fingir. É um processo de redução para três anos os encargos do estado e as universidades passaram a ter dois anos em que são pagas. Em perspectivas realistas isto é o básico.

Enquanto virtudes, questões positivas que levantou foi a obrigatoriedade de organizar e refazer. No âmbito da arquitectura introduziu o semestre, que já se praticava em muitos cursos da Europa e Estados Unidos e que acelera um pouco o tempo ao longo do ano. Muitas vezes os alunos, ou mesmo nós, o conjunto, temos tendência para arrastar o programa ao longo do ano tomando-se muito intenso no fim. Assim obriga à existência de mais picos, que é bom. Também é positivo, a possibilidade de existir maior variedade de pessoas a leccionarem num ano lectivo. Um semestre elaborado por um professor, outro



semestre acompanhado por outro, torna a situação mais activa e interessante.

Entre outras questões que me pareceram também importantes surge uma certa responsabilização do aluno que se torna mais clara, no sentido de que escolhe, faz e move.

Um factor que penso ter um peso fundamental na formação de experiência é permitir que o aluno se mova de curso para curso por toda a Europa. É algo que já deu início e que começou com o antigo Erasmus, que possivelmente estará em vias de extinção. Surge quase como expressão que grita definitivamente "circulem à vontade" e obriga as universidades a dar equivalências, o que permite um aluno fazer um ano em Portugal, outro em Londres, outro em Itália, etc. Também tem os seus riscos evidentemente, mas não deixa de ser interessante abrir esta possibilidade. Penso que isso é talvez dos pontos que mais me agradam na actualidade, visto que é meu costume dizer o quanto gostava de ter nascido daqui a duzentos anos. Mas há algo que penso que faz parte da actualidade e me agrada imenso, é esta ideia de que a mobilidade se tornou muito mais simples e acessível.

**+A Uma sociedade mais democrática para todos em termos de acessibilidade?**

IL Acho que isto é ótimo. Isto de nos podermos mover é ótimo.

**+A O que está a fazer actualmente em termos de projectos?**

IL Imensas coisas. Um mapa gigantesco cheios de trabalho.

**+A Concursos?**

IL Concursos, ganhámos dois no ano que passou, pelo fim do ano. O Concurso limitado por Prévia Qualificação para o Projecto da Nova Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo e Instalações da Direcção Regional da Cultura. É um projecto muito grande, muito acarinhado e desejado pela população. É um sítio lindíssimo, uma cidade fantástica. A biblioteca também é um espaço muito bonito, uma espécie de acrópole que vamos agora começar a desenvolver.

Ganhámos também o Concurso limitado por Prévia Qualificação para o Projecto de reabilitação da antiga fábrica dos leões - complexo de artes e arquitectura da universidade de Évora que também vamos iniciar este ano. Foram estes os dois grandes concursos que ganhámos enquanto finalizamos um outro que ganhámos há mais tempo para a Universidade de Coimbra, o departamento de desporto e educação física, e que conclui assim os três trabalhos maiores que actualmente temos em mãos.

Em paralelo aos concursos, estamos a trabalhar em projectos muito variados. Uns pequenos, outros maiores, operações que nos encontramos a elaborar com outros arquitectos para Óbidos, exposições, recuperações de edifícios, que inclui um projecto de agrado especial, a recuperação do Bairro D. Leonor no Porto onde que se construíram duas casas, portanto metade de um módulo,

da qual receberemos a agradável notícia, também no início do ano, do avançar da obra, que construírá agora um terço da totalidade das casas, no próximo ano outro terço e no ano seguinte o terço restante, visto ser uma área muito vasta.

**+ Qual o projecto que lhe garantiu maior desafio até hoje?**

IL É sempre o último. O que se está a fazer no momento é o melhor desafio.

Aceitamos todo o género de trabalho, e exactamente devido ao que disse há pouco, penso que o momento mais fascinante é o de encontrar e perceber o problema. Tem-nos aparecido problemas muito diversificados que resultam em respostas muito diferentes, mesmo de posicionamentos em relação à arquitectura. O que mais me agrada não é cada projecto em si, mas sim uma espécie de diversidade e de ginástica mental que temos permanentemente que fazer para podermos adaptar e responder da melhor forma aos problemas.

Portanto não há uma eleição em especial. +

